

## **O 18 de janeiro de 1934 em Setúbal**

Neste dia é desencadeada uma greve geral revolucionária. Foi dirigida por três organizações operárias: a CGT (Confederação Geral do Trabalho), de influência anarcossindicalista; a CIS ou COMSIND (Comissão Intersindical), influenciada pelo PCP; a FAO (Federação das Associações Operárias), de orientação socialista. Esta frente unida tentará reverter a legislação fascista relativa aos sindicatos.

Os organizadores do movimento tinham previsto desencadear greves em diversas cidades e vilas do país. Estavam também previstas ações violentas, com destaque para os cortes de linhas telefónicas, sabotagens de comunicações rodoviárias, atentados à bomba contra edifícios públicos relevantes e centrais elétricas.

A greve será seguida em algumas cidades, particularmente no sul do Tejo (Almada, Barreiro, Sines, Silves) mas esteve longe de ter tido uma adesão massiva.

Será na vila da Marinha Grande que se levará mais longe o guião revolucionário. Os insurretos paralisaram toda a atividade económica, bloquearam estradas, ocuparam a estação do Telégrafo-Postal, atacaram o quartel da GNR, desarmando os seus elementos. Surgia, assim, um efémero «soviete» que foi rapidamente esmagado pelas forças militares que reocuparam a vila vidreira.

A greve geral não logrou causar danos ao regime e vai redundar num fracasso. Na cidade de Setúbal, os sindicalistas revolucionários, os anarcossindicalistas e os comunistas haviam preparado esta greve com grande intensidade e também com grande antecedência.

As principais forças políticas criaram, em novembro de 1933, o Comité Revolucionário Local (CRL), para dirigir todo o processo de participação de Setúbal nesta insurreição contra o Governo e o processo de fascização dos sindicatos.

No âmbito da sua preparação, foi dada uma atenção especial às tarefas de agitação e propaganda, que começaram a ser planificadas nos primeiros dias do ano de 1934.

## A GREVE GERAL

A cidade apareceu hoje na sua pacatez normal tendo funcionado todo o ramo da industria e do commercio. A policia, e a G. N. R., bem como a guarnição militar estiveram atentas toda a noite, emquanto por toda a cidade patrulhas dobradas exerciam uma aturada vigilancia.

A' hora de começar o trabalho nas grandes oficinas todos os seus operarios compareceram, o mesmo se dando no comercio e escritórios.

A Marinha cessou o seu estado de prevenção ás 16,30.

\*

Greve Geral Insurrecional, *O Setubalense* 19/1/1934

Porém, a preparação da greve não se esgotava nas ações de agitação e propaganda. Para realizar os ataques aos edifícios públicos, igrejas e redes de comunicação, foram adquiridas 60 bombas. A quantidade de bombas e outro material bélico a ser utilizado em Setúbal indicia as grandes expectativas que existiriam em relação à participação da cidade na greve geral insurrecional em preparação.

Em 7 de janeiro, Jorge Silva, José Bernardo, Jorge Raposo e Jaime Rebelo transportam uma bomba para os arredores da cidade. Queriam fazer um ensaio. A experiência bombista ocorreu nas Praias do Sado, no sítio do Moinho Novo.

Os conspiradores revolucionários não contavam com o enorme alarme que a explosão provocaria na cidade, obrigando à fuga imediata dos autores desta experiência bombista. Face ao alarde provocado, a polícia irá iniciar uma intensa perseguição e, em 15 de janeiro, logrará encontrar o arsenal bélico que iria ser utilizado: 59 bombas, uma pistola e diversas facas: serão presos vários operários acusados de pertencerem ao comité grevista.

A prisão dos principais dirigentes do Comité Revolucionário de Setúbal,

a fuga de vários militantes operários, as descobertas das bombas pela polícia determinarão o fracasso da greve geral na cidade.

O diário, *O Setubalense*, de 19 de janeiro de 1934, reporta-se aos acontecimentos em Setúbal explicando que «A cidade apareceu hoje na sua pacatez normal, tendo funcionado todo o ramo da indústria e do comércio (...) à hora de começar o trabalho nas grandes oficinas todos os seus operários compareceram, o mesmo se dando no comércio e escritórios».

Nos dias a seguir ao 18 de janeiro a polícia prosseguirá a tarefa de perseguir os ativistas operários que ainda não tinha sido presos. Jaime Rebelo, que andava fugido desde a sua participação no ensaio do lançamento da bomba, na zona do Moinho Novo, é preso por uma patrulha da GNR na serra da Arrábida, no dia 1 de fevereiro.

Serão julgados em Conselho de Guerra pelo tribunal Militar de Lisboa todos os implicados na insurreição.

De facto, a oposição ao regime em Setúbal, à semelhança do resto do país, tinha feito uma forte aposta na insurreição de janeiro. A pesada derrota sofrida, para além de significar o epílogo do sindicalismo autónomo, representa, igualmente, um enorme desaire para as forças oposicionistas.

Embora não significando que a oposição ao regime tenha desaparecido completamente, os anos que se seguem ao 18 de janeiro serão marcados por grandes dificuldades. São dificuldades económicas, com uma crise brutal na indústria conserveira, o desemprego, a fome e a miséria a rondar milhares de famílias setubalenses; mas são também dificuldades políticas e organizativas, aprofundadas pela intensa repressão policial ao que restava das oposições revolucionárias à Ditadura. **[AAC]**



### **Ofício do comando da PSP de Setúbal para o diretor da PVDE sobre a prisão de Jaime Rebelo**

«Faço apresentar a V. Ex.<sup>a</sup>, devidamente escoltado, o preso Jaime Rebelo, que ontem foi detido por uma patrulha da GNR, na Serra da Arrábida, deste Distrito. Este indivíduo, andava fugido à ação da polícia por ser um dos principais elementos revolucionários desta cidade, assistindo por vezes, às reuniões do Comité Revolucionário Local. Foi, com outros, o organizador de todos os elementos revolucionários e estava em contacto, segundo consta, com elementos políticos.

Protestou não responder a coisa alguma do que lhe foi perguntado sobre os recentes acontecimentos revolucionários e, quando já se encontrava próxima a sua inquirição, iludiu a vigilância da sentinela e pode adquirir uma lâmina de máquina de barbear, com que golpeou a língua em sentido vertical. Conduzido ao Hospital da Misericórdia desta cidade, recebeu o respetivo curativo, sendo esse ferimento suturado com oito agrafes» (*PROCESSO 115/34, 1934, 25 de abril*).



### **Versão do interrogatório de Jaime Rebelo sobre a sua participação na insurreição do 18 de janeiro segundo o Auto de Declarações**

«Em meados de dezembro do ano findo, constou-lhe como era geralmente do domínio público, que se preparava uma Greve Geral Revolucionária contra os Decretos de sindicalização das associações de classe, emanados do Subsecretariado das Corporações e Previdência Social e como ele declarante entendia dever participar na ação que ao seu alcance estivesse, procurou um indivíduo de nome Jorge Silva, trabalhador numa fábrica de Conservas, em Setúbal, próxima da Saboaria, por saber que este indivíduo era um dos elementos que constituíam o Comité Local e pôs-se à disposição do mesmo para qualquer assunto concernente à projetada Greve. Que se passaram dias sem que mais nada consigo fosse tratado até que em princípios de janeiro do corrente ano, o citado Silva procurou o declarante e convidou-o a comparecer a uma reunião clandestina a fim de serem tratados assuntos que com a marcha da Greve Geral se prendiam. Efetivamente o declarante compareceu no local

designado, no campo, num sítio denominado Olhos de Água e aqui encontrou o Silva, um indivíduo de nome Jorge Raposo, ferroviário, Augusto conhecido por "Augusto Grelheiro", faziam parte do Comité Local da Confederação Geral do Trabalho. Nesta reunião apreciaram-se uns três manifestos clandestinos incluindo a proclamação da Greve Geral, todos ainda manuscritos, com os quais os presentes concordaram. Que anteriormente àquela reunião, o "Augusto Grelheiro" dissera confidencialmente ao declarante que tinha a seu cargo diverso material explosivo para ser empregado na devida altura. Que no dia da reunião a que se referiu e em que foram apreciados os manifestos clandestinos, o declarante, finda ela, separou-se dos seus companheiros, regressando só a sua casa e no dia seguinte constou-lhe que tinha rebentado no local onde a reunião se dera, Olhos de Água, uma bomba. Mais lhe constou que fora o Augusto que rebentara a bomba, dizendo-se também que ele, declarante tinha sido visto no local, sendo por consequência acusado do mesmo facto. Em vista disto, e por o ter impressionado sobremaneira a explosão, resolveu não participar mais de qualquer trabalho concernente à Greve Geral, não tendo saído de casa no dia em que esta eclodiu, pois de nada fora avisado talvez por saberem da atitude que tomara. Dias depois resolveu fugir e acabou por ser detido na Serra da Arrábida» (*Ibidem*).